

La Volonté de Savoir

♦MICHEL FOUCAULT considera que o exercício do poder apoia-se na construção de um saber. A soberania do Estado é apenas uma forma terminal e não um dado inicial. *O poder está em todo o lado*, é onnipresente, resulta de uma situação estratégica complexa. As relações de poder não são super-estruturas nem realidades que transcendem a sociedade. Vêm de baixo. Não há uma relação binária entre dominadores e dominados, essa realidade que se repercute de cima para baixo e que vai até às profundezas da sociedade. Há uma rede de poder que não só funciona numa sociedade como também a faz funcionar. As resistências apenas são o outro termo das relações de poder. Mesmo as revoluções não significam a aparição de uma alteridade absoluta ao poder. Não passam de uma codificação estratégica de vários pontos de resistência. O Estado assenta na *integração institucional das relações de poder* e, contrariamente a certos marxistas, não vale a pena concebê-lo como produto da classe dominante. Nem também é manifestação actual da Lei (jurídica ou freudiana), ou resto de uma dominação do pai, do senhor ou do rei. Há *um campo múltiplo de relações de força onde se produzem efeitos globais de dominação, mas jamais totalmente estáveis*. Assim, propõe que se estudem os objectivos, a eficácia táctica e os modelos estratégicos. Considera assim que se há uma *rede de micropoderes*, de poderes centrífugos, locais, familiares e regionais, com uma variedade de conflitos, com articulações horizontais, surge também uma articulação vertical, uma *integração institucional dos poderes múltiplos* tendente para um centro político, para um poder centrípeto. Ver *Histoire de la Sexualité*, vol. I-*La Volonté de Savoir*, Paris, Éditions Gallimard, 1976.